

*Der Spiegel*, 31.10.15

## A 'detective dos azulejos'

Uma Diretora de museu defende o Património cultural de Lisboa



Filóloga Sá: a luta contra os 'amigos do alheio'

O que levar como lembrança de uma viagem a Lisboa? Todos os anos centenas de milhar de turistas optam por pequenas placas cerâmicas coloridamente decoradas. Chamam-se azulejos, palavra derivada da designação árabe para pequenas pedras reluzentes.

Na capital portuguesa, que durante 400 anos fez parte dum califato islâmico, estes azulejos não somente decoram pátios e chafarizes, como estão presentes em todo o lado: nas fachadas de prédios, de igrejas, e até nas paredes das estações de Metro. É por isso que estes quadrados cerâmicos vidrados - azuis e brancos ou multicolores - são comprados em tão grande quantidade. Os novos vendem-se a preços módicos nas lojas de Souvenirs, e os antigos, mais espessos, nos antiquários ou na Feira da Ladra.

É contra esta venda em massa do património cultural português que Leonor Sá – uma mulher pequena e enérgica de 57 anos, - criou uma 'campanha armada': "Para nós, Portugueses, os azulejos são de tal maneira uma constante que se tornam banais e já nem nos apercebemos deles", diz. Ao contrário, os ladrões conhecem muito bem valor dos azulejos antigos - e foi para compensar este desequilíbrio que Sá arrancou com o projeto 'SOS Azulejo'. Com ironia, chama aos seus adversários "amigos do alheio". Ela própria nasceu num clínicum com paredes azulejadas de azul e rosa, na parte antiga da cidade, e foi aí que nasceram também as suas filhas. Diz que não suporta ver esse património destruído e faz oito anos que está travando esta luta. Tendo-se formado inicialmente em Germânicas, trabalhou sobre Franz Kafka e hoje é diretora do Museu de Polícia Judiciária. Quando, no início deste milénio, se foram multiplicando na Polícia Judiciária as queixas sobre azulejos furtados, lançou o site [sosazulejo.com](http://sosazulejo.com) na internet. Procurou parcerias com universidades e outras forças policiais e começou a publicar fotos de painéis de azulejos figurativos furtados, acrescentando informações sobre os locais de proveniência e os autores das obras.

O primeiro resultado positivo veio de um antiquário, que identificou, através do site, na sua loja, um painel de azulejos representando o navegador Vasco da Gama, que havia sido furtado do Palácio da Rosa. Os azulejos, pintados pelo artista italiano Leopoldo Battistini no início do séc. XX, voltaram assim ao seu proprietário legítimo. Quando Leonor Sá, trajando calças do mesmo azul dos azulejos, abre a enorme porta de madeira meio apodrecida do Palácio da Rosa, depara-se-nos um cenário desolador: no pátio, as ervas crescem sobre escombros amontoados. O palácio, reconstruído após o terramoto de 1755, foi sumptuosamente equipado, na viragem do séc. XX, por famílias da nobreza

mais ilustre, com representações históricas, em azulejo, no pátio interior e nos salões do 1º andar. Hoje, todos esses monumentais painéis de azulejo que decoravam os muros exteriores estão danificados ou desapareceram por completo. Só restam as marcas dos contornos quadrangulares. Também nas escadarias os azulejos foram arrancados. O salão do andar superior só conserva a moldura de um retrato de fidalgo.

O que aconteceu aos azulejos do Palácio da Rosa é paradigmático do que aconteceu em Lisboa, refere Leonor Sá: O património cultural azulejar do país não foi cuidado nem protegido. O edifício esteve abandonado durante anos, e os azulejos, fáceis de vender, puderam ser retirados, sem dificuldade, por pequenos delinquentes e por toxicodependentes.

Contudo, explica Sá, existe também crime organizado que furta grandes conjuntos completos de azulejos históricos. Segundo averiguações da PJ, tudo leva a crer que estes grupos organizados fazem reconhecimentos prévios a prédios não vigiados e que os azulejos furtados são depois rapidamente passados para fora do país.

Mesmo assim, pode dar-se por satisfeita com os resultados do trabalho do SOS Azulejo. Até 2013 os furtos registados de azulejos históricos e artísticos baixaram mais de 80%. Museus e antiquários passaram a poder acautelar-se de adquirir azulejos assinalados como furtados na Internet, e por via dos recetadores tornou-se mais fácil identificar os autores dos furtos.

Nos últimos dois anos, com a crise económica, voltaram a desaparecer mais azulejos, sobretudo de padrão, que se repetem em vários edifícios por todo o país, e que assim podem ser apresentados pelos vendedores como legalmente adquiridos e provenientes de demolições ou remodelações.

Leonor Sá e os seus companheiros de luta conseguiram também, junto da Câmara Municipal de Lisboa, que a demolição de fachadas azulejadas passasse a ser interdita nesta cidade. Apresentaram também no Parlamento uma proposta para que essa interdição pudesse vir a vigorar em todo o território português, protegendo o património azulejar de todo o país. Também um hospital hoje devoluto, que contém na sua Capela e balneários azulejos de grande valor, passou a estar protegido por vigilância. E o governo pretende agora propor à Unesco que o Azulejo português seja considerado Património da Humanidade.

Também os turistas não foram esquecidos por Leonor Sá: considera importante estarem sensibilizados para esta questão - e que assim passem, de preferência, a levar consigo como recordação azulejos modernos e boas reproduções em vez de azulejos antigos.

“A mentalidade dos portugueses tem de mudar “ diz ela “Deverão voltar a orgulhar-se do seu património azulejar.”

*Helene Zuber*